EDIÇÃO ESPECIAL:
Crônicas de EtnoMatemaTicas Anunciadas
Transdisciplinaridade

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e094026

Entre marés, ancestralidades e Etnomatemática: narrativas de um professor ribeirinho marajoara

Elivaldo Serrão Custódio
Santana, Amapá, Brasil
elivaldo.pa@hotmail.com
Doutor em Teologia
Universidade do Estado do Amapá (UEAP)
https://orcid.org/0000-0002-2947-5347

O rio nunca me ensinou Matemática do jeito que me apresentaram na escola de educação básica e na universidade. Os números sempre vinham aprisionados em quadros brancos, organizados em fórmulas rígidas, quase sempre distantes da lama das margens dos rios, do cheiro da madeira molhada e do balanço das pequenas embarcações do Arquipélago do Marajó, no Pará-Brasil. Já o rio... ah, o rio... ensinava diferente. Foi nele que aprendi a contar o tempo pelas marés. Esta narrativa nasce exatamente dessas águas. Ela não é apenas uma narrativa sobre memória, identidade, ancestralidade, cultura e formação docente. É também o relato vivo das experiências de um ribeirinho marajoara que, há mais de vinte anos, atuou como professor de Matemática na educação básica e há mais de dez anos na Educação Superior encontrou, na Etnomatemática, caminhos para fortalecer uma educação comprometida com a valorização das raízes amazônidas, dos conhecimentos ancestrais e da formação de educadores e educadoras sensíveis às realidades culturais da Amazônia Brasileira.

No Marajó, a natureza nunca foi apenas paisagem. Ela era professora. Aprendi muito cedo que o rio possuía humor próprio. Havia dias em que amanhecia manso, quase espelhando o céu, e outros em que parecia revoltado, levantando ondas barrentas capazes de virar pequenas embarcações. No inverno amazônico, as marés cresciam com força assustadora. As águas invadiam caminhos, engoliam trapiches, redesenhavam territórios inteiros. Ali, ninguém precisava estudar hidrodinâmica para respeitar o movimento das águas. O corpo aprendia primeiro. Os mais velhos observavam o vento, a lua e o

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**
v. 2026, n.
e094026

comportamento das nuvens para decidir a hora de sair ou permanecer em terra. Existia cálculo naquele silêncio atento. Existia modelagem matemática na experiência acumulada de gerações inteiras que aprenderam a conviver e sobreviver conversando com o rio. Ainda menino, observava os mais velhos ajeitando o matapi antes do amanhecer. Eles nunca diziam "ângulo", mas sabiam exatamente a inclinação necessária para que a correnteza não levasse o matapi. Nunca falavam "geometria espacial", mas construíam paneiros perfeitamente circulares usando cipó e paciência. Não mencionavam "estatística", porém conheciam os períodos em que o camarão diminuía, quando a lua interferia na pesca e em quais meses o açaí renderia mais.

Sem perceber, cresci cercado por matemáticas invisíveis. Nas manhãs de colheita do açaí, observava os homens subindo nos açaizeiros com uma habilidade que desafiava qualquer definição simplista de equilíbrio e proporcionalidade. Os paneiros precisavam ser distribuídos corretamente para suportar o peso dos frutos. O tempo da colheita obedecia aos ciclos da chuva, da terra e da fertilidade das várzeas. Cada época do ano anunciava novos sabores e novos saberes. O bacuri chegava trazendo o cheiro forte das matas molhadas. O taperebá coloria as panelas ribeirinhas com seu amarelo vivo. O miriti surgia como brinquedo, alimento e sustento. A safra do açaí alterava o ritmo das comunidades inteiras. As embarcações lotadas desciam os rios enquanto famílias organizavam vendas, medições, divisões e trocas. Tudo acontecia atravessado por relações matemáticas que dificilmente apareciam nos livros didáticos da escola. No Marajó, a vida sempre calculou diferente. As distâncias não eram medidas em quilômetros, mas em horas de barco motorizado ou canoa a remo. A intensidade da chuva não dependia de milímetros pluviométricos; bastava observar o canto dos pássaros ou o silêncio repentino da mata. O tempo das pessoas seguia outro relógio: o das águas. As matas também falavam. E quem crescia ali aprendia a escutar.

Havia lugares onde os mais velhos recomendavam silêncio. Certas árvores não podiam ser derrubadas sem pedido de licença; da mesma forma, para entrar em alguns

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e094026

lugares era preciso pedir permissão aos seres da floresta. Alguns igarapés carregavam histórias antigas sobre encantados, visagens e assombrações. A Cobra Grande dormia sob as águas profundas. A Matinta Perera cruzava as noites assoviando segredos. O Boto não era apenas personagem de lenda; era presença respeitada nas narrativas das comunidades. Essas experiências permanecem vivas em minha memória, como ecos permanentes das águas marajoaras. Naquele universo, espiritualidade e cotidiano caminhavam juntos. Os rios tinham alma. As florestas tinham memória. E talvez tenha sido exatamente ali que comecei a compreender, mesmo sem saber, uma matemática da sensibilidade, da observação e da relação entre seres humanos, natureza e cosmos. As festas religiosas também marcavam profundamente nossas experiências. O calendário da vida ribeirinha não seguia apenas datas oficiais; seguia promessas, procissões, novenas e festividades dos santos padroeiros. As comunidades se organizavam coletivamente para preparar o momento festivo, dividir responsabilidades pelos alimentos, ornamentar igrejas, calcular despesas e organizar os trajetos das procissões pelos rios. Nas festividades, o sagrado e o comunitário se misturavam. Os cânticos ecoavam sobre as águas enquanto pequenas embarcações iluminadas acompanhavam os festejos. Crianças corriam entre barracas de comidas típicas, vendedores organizavam medidas e preços mentalmente, moradores contabilizavam lucros dos produtos vendidos nas celebrações e mulheres calculavam ingredientes para alimentar dezenas de famílias. Era uma matemática viva. Uma matemática que respirava cultura.

Anos depois, quando cheguei à graduação em Matemática, senti um estranhamento profundo. Na universidade, eu percebia que os conhecimentos do meu povo permaneciam ausentes das discussões acadêmicas. E eu me perguntava, em silêncio: onde estavam os conhecimentos ancestrais das populações ribeirinhas? Onde cabiam as cuias, os tecidos e os paneiros pintados geometricamente pelas mulheres marajoaras? Onde entravam as medições feitas pelos carpinteiros navais que construíam barcos sem nunca terem frequentado um curso de engenharia? Durante muito tempo, carreguei essa inquietação

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**
v. 2026, n.
e094026

como quem leva água em paneiro furado. Foi somente anos depois que ouvi, pela primeira vez, a palavra Etnomatemática ecoar como reza antiga dentro de mim. Naquele instante, algo se reorganizou. Como um encontro entre rio e mar, compreendi que existiam outras maneiras de compreender a Matemática, outras formas legítimas de produzir conhecimento. A Etnomatemática não me apresentou apenas uma teoria. Ela devolveu minha memória, minha ancestralidade e minha identidade. Passei então a olhar novamente para minha origem. Percebi que os mestres ribeirinhos resolviam problemas complexos diariamente sem utilizar linguagem acadêmica. Havia cálculo no preparo das redes de pesca, proporcionalidade na divisão do pescado, simetria nos artesanatos, estimativas na plantação da mandioca, na colheita do açaí e orientação espacial na navegação pelos rios, furos e igarapés.

Mas havia algo além dos números. Havia espiritualidade. No Marajó, ninguém atravessa certos caminhos sem pedir licença aos encantados. E foi então que compreendi que ensinar Matemática sem cultura era como remar sem rio. Mas também compreendi algo ainda mais doloroso: muitos desses conhecimentos seguiam sendo vistos como inferiores. Mesmo hoje, quando a Etnomatemática já se consolidou como área de conhecimento, ainda há quem diga que ela "não é Matemática de verdade". Há quem considere menos legítimos os conhecimentos indígenas, quilombolas e ribeirinhos porque nasceram fora dos centros acadêmicos europeizados. Existe um silêncio histórico que ainda atravessa nossas salas de aula. Durante séculos, ensinaram-nos que apenas uma matemática era universal: branca, urbana, eurocêntrica e escrita em linguagem formal. Enquanto isso, os conhecimentos produzidos pelos povos das águas e das florestas foram tratados como curiosidade folclórica, superstição ou simples empirismo.

Talvez o problema nunca tenha sido a ausência de conhecimento, mas a dificuldade histórica de reconhecer legitimidade científica fora das fronteiras europeias. Foi então que compreendi a urgência de ler a história "a contrapelo", como já dizia Walter Benjamin. Ler a contrapelo, para mim, passou a significar romper com o silêncio de muitos anos e

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**
v. 2026, n.
e094026

recontar a Educação Matemática a partir das margens dos rios amazônicos. Significou reconhecer que os povos invisibilizados também produzem ciência, lógica, conhecimento e formas sofisticadas de interpretar o mundo. Hoje entendo que a Etnomatemática também é um movimento de resistência. Uma resistência antirracista. Uma resistência inclusiva. Essas reflexões entre outras passaram, então, a atravessar minha prática docente. Em minhas aulas e pesquisas na Amazônia Amapaense, continuo buscando formar educadores e educadoras comprometidos/as com uma Educação Matemática inclusiva, crítica, equitativa e antirracista. Uma educação capaz de reconhecer a beleza existente nos conhecimentos locais e de valorizar as raízes amazônidas como parte legítima da produção de conhecimento. Nesse processo, alguns estranhavam, outros resistiam. Havia quem acreditasse que valorizar conhecimentos tradicionais diminuiria a importância da Matemática acadêmica. Mas o contrário acontecia. Quando um estudante percebia que seu avô utilizava raciocínios matemáticos ao dividir sementes para o plantio, seus olhos mudavam. Quando entendia que um canoeiro dominava noções sofisticadas de espaço e orientação, a Matemática deixava de parecer distante. Ela ganhava corpo, ganhava cheiro, ganhava território. Certa vez, durante uma atividade formativa, pedi aos licenciandos que entrevistassem pessoas de suas comunidades sobre práticas cotidianas envolvendo medidas, contagens e organização espacial. Um estudante retornou emocionado. Disse que descobrira que o pai (sem escolarização), pescador há quarenta anos, utilizava cálculos mentais complexos para prever o combustível necessário nas viagens pelos rios.

"Meu pai sempre achou que não sabia Matemática", confessou. Naquele dia, o silêncio da sala parecia uma maré enchendo. Entendi, então, que meu trabalho não era apenas ensinar conteúdos. Era impedir apagamentos. Porque muitos conhecimentos indígenas, quilombolas e amazônicos estão morrendo lentamente, soterrados por modelos educacionais que ainda insistem em considerar legítimo apenas o conhecimento escrito, urbano e europeu. Cada vez que um professor ignora os conhecimentos da comunidade, uma pequena parte da floresta e das águas se cala. Hoje, enquanto professor da educação

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**
v. 2026, n.
e094026

superior na Universidade do Estado do Amapá (UEAP), percebo o quanto aquelas vivências de infância ainda ecoam em minha prática docente. Cada aula ministrada na formação de professores de Matemática carrega fragmentos das marés do Marajó, dos conhecimentos dos pescadores, das experiências das mulheres quilombolas, indígenas, ribeirinhas, das festas religiosas e das espiritualidades amazônicas. E quando falo de Etnomatemática, não apresento apenas uma teoria acadêmica. Apresento vidas. Apresento resistências. Apresento modos amazônicos de produzir conhecimento.

Talvez seja essa a beleza maior da Educação Matemática atravessada pela Etnomatemática: permitir que futuros/as professores/as compreendam que ensinar Matemática também é ensinar pertencimento, memória e humanidade. Porque os números da Amazônia não vivem sozinhos. Eles dançam com os rios. Conversam com as florestas. Rezam nas festas dos santos. Sobem nos açaizeiros. Navegam nas marés. E continuam vivos na esperança de professores/as que se recusam a deixar morrer os conhecimentos ancestrais de seu povo.

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e094026

Entre marés, ancestralidades e Etnomatemática: narrativas de um professor ribeirinho marajoara

Between tides, ancestrality, and Ethnomathematics: narratives of a riverside teacher from Marajó

Entre las mareas, la ancestralidad y la Etnomatemática: relatos de una maestra ribereña de Marajó

Resumo

Esta narrativa apresenta reflexões transdisciplinares sobre as experiências de um ribeirinho marajoara que, há mais de dez anos, atua na formação de professores de Matemática na Amazônia amapaense. O texto evidencia saberes produzidos nas vivências com os rios, as marés, a colheita do açaí, as espiritualidades das florestas e as festividades religiosas do Arquipélago do Marajó, Pará-Brasil, articulando-os à Etnomatemática. O texto problematiza o silenciamento histórico dos conhecimentos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, defendendo uma Educação Matemática inclusiva, antirracista e comprometida com a valorização das raízes amazônidas e das ancestralidades culturais.

Palavras-chave: Etnomatemática. Educação Matemática. Amazônia. Formação de professores.

Abstract

This narrative presents transdisciplinary reflections on the experiences of a riverside dweller from Marajó who, for over ten years, has been involved in the training of mathematics teachers in the Amazon region of Amapá. The text highlights knowledge produced through experiences with the rivers, tides, açaí harvesting, forest spiritualities, and religious festivities of the Marajó Archipelago, Pará, Brazil, articulating them with Ethnomathematics. The text problematizes the historical silencing of indigenous, quilombola, and riverside knowledge, advocating for an inclusive, anti-racist mathematics education committed to valuing Amazonian roots and cultural ancestries.

Keywords: Ethnomathematics. Mathematics Education. Amazon. Teacher Training.

Resumen

Esta narración presenta reflexiones transdisciplinarias sobre las experiencias de un habitante ribereño de Marajó que, durante más de diez años, se ha dedicado a la formación de docentes de matemáticas en la región amazónica de Amapá. El texto resalta el conocimiento generado a través de las experiencias con los ríos, las mareas, la cosecha de açaí, las espiritualidades del bosque y las festividades religiosas del archipiélago de Marajó, Pará, Brasil, articulándolo con la Etnomatemática. El texto problematiza el silenciamiento histórico del saber indígena, quilombola y ribereño, abogando por una educación matemática inclusiva y antirracista comprometida con la valoración de las raíces y los ancestros culturales amazónicos.

Palabras clave: Etnomatemáticas. Didáctica de las matemáticas. Amazon. Formación del profesorado.